

Testemunho de Vida do irmão Daniel Carvalho

Conheça a estória do Daniel: dos hinos assoviados pela mãe até a “carruagem do etíope”.

Daniel Candido Oliveira de Carvalho é o caçula da D. Maria do Carmo e do Sr. Jordano. O único filho nascido em Bandeirantes (PR), os quatro irmãos e toda a família nasceram e viveram quase todo tempo em São João da Boa Vista (SP).

O contato da mãe com o evangelho veio por meio das tias, que eram pioneiras de uma igreja evangélica na cidade. O pai, inspetor de café do IBC, não proibia a esposa de ir à igreja, mas nunca quis conhecer a Deus. “Meu pai se preocupava apenas com nossas necessidades materiais e pescaria”, conta.

Durante a infância, Daniel teve bronquite e, por isso, nunca esteve longe dos olhos cuidadosos da mãe. “Durante os afazeres domésticos, ela assoviava hinos. Minha mãe nunca reclamava de nada e trabalhava assoviando os hinos que só hoje aprendo as letras”, lembra. Mudando para várias cidades, sua mãe acabava freqüentando diferentes igrejas. “Eu vivia colado nela, acompanhava-a na igreja, aprendia a assoviar hinos com ela”, recorda.

Aos 11 anos Daniel ficou sem a mãe repentinamente vitimada por infarto e foi morar com uma irmã já casada, em São Paulo. “Nesse tempo, eu estudava e começava a trabalhar. A vida espiritual de todos ali era como um deserto”, define.

Em 1987, foi convidado para trabalhar aqui em São José para onde veio sozinho. Na nova cidade, a rotina do trabalho era tudo. Nos finais de semana, ia para São Paulo ajudar a cuidar do pai, que estava doente na época. “Depois que meu pai faleceu, em 1989, preferi ficar de vez em São José”, conta.

Em 1998, durante um passeio imprevisto no Parque da Cidade, Daniel encontrou a Kelly (atual esposa) e também o evangelho. “Desde aquele dia me sinto como se estivesse naquela carruagem do etíope de Atos 8, aprendendo sobre a salvação. Deus me enviou vários Felipes em diversas circunstâncias e me fez ouvi-los”, fala.

Durante o namoro, noivado e casamento, ele freqüentou a igreja com a Kelly, mas algo ainda faltava para a sua comunhão com Deus. “Fiz o curso para o batismo uma outra vez, tive dúvidas e fui resistente em tomar a decisão por Cristo”, admite.

Depois de quase 10 anos “na carruagem”, Daniel decidiu-se então pelo batismo e fez a sua profissão de fé. “Hoje sei que Jesus vive e me resgatou. Desci da carruagem porque posso crer no amanhã”, enfatiza.